

AFETOS NA POLÍTICA E NA VIDA ÍNTIMA

Resenha comparada dos livros

De: José Machado PAIS

Sexualidades e afectos juvenis. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

De: Danyelle Nilin GONÇALVES

Jovens na política, animação e agenciamento do voto em campanhas eleitoriais. São Paulo: editora Pontes, 2012.

Por: Irllys Alencar F. Barreira

Doutora em Sociologia, professora Titular do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará.

Embora os livros tratem de assuntos aparentemente bem diversos, é possível neles se encontrar o solo comum que permite a comparação. Poderíamos pensar que ambos referem-se ao protagonismo juvenil na sociedade contemporânea em campos diversos de atividade social. Os jovens em diferentes situações são porta-vozes de rupturas, sinalizam tensões entre modelos e encarnam sentimentos emergentes revelados em discursos e práticas.

Machado Pais explora a sexualidade e os afetos juvenis dando sequência a pesquisas que já vem desenvolvendo sobre o campo das percepções e sentimentos que se efetivam no cotidiano das cidades. Essa forma de analisar os sentimentos já está presente em livros anteriores produzidos pelo autor, tais como a *Nos rastros da solidão* (Ambar, 2006) e *Ganchos, tachos e biscates* (Ambar, 2001). Estes são livros que exploram tanto o universo do trabalho e suas vicissitudes quanto as formas de sociabilidade contemporâneas movidas no âmbito das redes sociais.

No livro sobre os afetos juvenis, o universo dos jovens é desbravado por meio de formas inusitadas de escuta. As duas gerações de filhos e pais mostram as tensões entre o oculto e o revelado, as dúvidas, os apelos da sociedade contemporânea e as subjetividades em fratura. Os imaginários e as expectativas sobre projetos de vida são observados por meio de provérbios,

apelidos e discursos manifestos em grupo ou individualmente. Observa o autor, na sua usual forma de captar a vida social nas entrelinhas da racionalidade discursiva, que a alcunha é “um lugar de epifania da verdade no seu entrelaçamento com o nome. As alcunhas permitem identificações, são indutoras de afetos” (p. 187). José Machado explora o que designa como cenas *bué*, expressivas das experiências de vida de juventudes. Na pesquisa, o registro de pensamentos soltos, opiniões provocadas por situações induzidas, falas veiculadas em reuniões permitem apreender o indizível presente no discurso da racionalidade. Nesse sentido, é mais fácil registrar opiniões por meio de ditados ou normas referidas a comportamentos alheios, utilizando a metodologia dos indícios, anunciada por Carlo Ginzburg (*Mitos, emblemas e sinais*, 1990) que supera a entrevista convencional. Entrevistas abertas, grupos de discussões e redações são técnicas adotadas pelo pesquisador para obter dos pesquisados a explicitação de afetos ocultos. Entre os temas de redações utilizados como fonte de investigação, por Machado Pais, destacam-se: *o meu primeiro beijo; estar apaixonado(a); vida amorosa; como vejo o futuro; quando me sinto só*, dentre muitos outros.

A escuta do depoimento dos pais de jovens pesquisados revelou-se interessante na pesquisa, demonstrando as difíceis conexões entre liberdade e obediência, autonomia e respeito à ordem paterna/materna. O desejo dos pais de que os filhos não repitam a condição de repressão associa-se ao medo do desconhecido ou preocupação com a ausência ou falência de regras de convívio social. O autor observa também que o silêncio e a padronização de opiniões do senso comum sobre namoro, casamento, amor e sexualidade repetem-se nas antigas e novas gerações; e que o tratamento de temas tabus como aborto e homossexualidade é permeado de contradições.

Alguns marcadores juvenis foram enfatizados nas entrevistas; entre eles, a relação com a família, o emprego, o casamento, enfim os rituais sociais não desaparecidos mas resignificados no tempo, reivindicando maior autenticidade; esta, baseada no culto à busca de afirmação e valorização do eu. “O compromisso ocupa cada vez menos o horizonte da vida amorosa e a sexualidade tende a transformar-se no domínio de coleção de experiências (p. 37).

No seu livro, Machado Pais faz ainda uma interpelação às formas de elaboração de uma pedagogia da sexualidade. Esta mais voltada para as técnicas de preservação de doenças e riscos do que baseada em uma reflexão

sobre construção de afetos e sentimentos. Segundo o autor, a linguagem oficial da educação sexual na escola é empobrecida na disjunção entre afeto e sexualidade, senão silenciada pela falta de profundidade. Por isso considera pertinente a indagação: “faz ou não sentido que as escolas possam realizar encontros que estimulem os jovens a reflectir aquilo que nem sempre reflectem?”

É importante a reflexão apontada na pesquisa de Machado Pais sobre as diferenciações entre autonomia e independência juvenil. Para ele, muitas vezes, a decantada liberdade se constroi “à custa de sopros financeiros dos pais” e esse fato prolonga a permanencia em casa e o adiamento da autonomia profissional.

A pesquisa revela ainda que os afetos juvenis se constituem nas experimentações, nas brechas das práticas tradicionais associadas a múltiplas socializações. Os jovens “se inventam”, embora sua identidade seja permeada por um feixe de relações, incluindo a família.

Segundo o autor, os jovens são também angustiados e buscam seus portos seguros ou sua comunidade de pertença. Daí ser o mundo dos afetos permeado por medos, inseguranças e angústia. Explicá-los sociologicamente é enveredar pelo discurso das projeções, na dinâmica dos desejos produzidos pela sociedade de consumo, também indutora das relações efêmeras. Enfim, o mundo dos afetos e das sexualidades juvenis é mais complexo, diz José Machado em suas conclusões. Se os jovens são portadores de rupturas, eles encarnam as dificuldades da vida, a missão impossível da educação já enunciada por Freud. Representam também os jovens as ambivalencias de valores geracionais tensionados entre a norma e a ruptura, tema clássico já formulado pela sociologia e antropologia.

É interessante realçar que os dilemas e dúvidas dos jovens portugueses pesquisados pelo autor não diferem significativamente daqueles vividos por brasileiros. Cito o exemplo dos afetos (a opção entre amor e sexo), do consumo como sinalizador de identidades, da gravidez, enfim, a pesquisa comprova a mundialização de certos dilemas, e isto pode ser tomado, por nós, como um convite a uma pesquisa comparativa.

O livro de Danyelle Nilin, produzido no âmbito da coleção “Cultura e política” como parte das pesquisas efetivadas no Laboratório de Pesquisa em Política e Cultura (LEPEC), Universidade Federal do Ceará, analisa a participação dos jovens na política, apontando modos de expressão da ação

militante nas ruas. Trata-se de práticas tensionadas entre o pragmatismo de campanhas eleitorais e a ideologia que serviu de suporte aos partidos de esquerda. Assim, no contexto de períodos de eleição, o trabalho político de jovens é tratado de forma histórica e comparada, verificando as mudanças que se processam ao longo do tempo e espaço.

Danyelle Nilin analisa a prática de jovens militantes em contexto mexicano, comparando-a com propagandas eleitorais produzidas no Brasil, mais especificamente em Fortaleza e Acaraú, no Ceará. As organizações voluntárias ou remuneradas eram parte de um cenário de disputas, sendo os jovens expressão de um tempo de clivagem. A tradicional esquerda, mais preocupada em angariar adeptos segundo supostos ideológicos confrontava-se com posturas mais pragmáticas voltadas para a conquista efetiva do voto. As crenças dos militantes envolvidos na causa partidária eram substituídas pela noção de trabalho remunerado, através de propaganda, deixando em suspenso o universo das ideologias praticadas por gerações anteriores.

O trabalho de Danyelle trata exatamente deste ponto de clivagem, acionado em discursos denegados e classificação de militantes envolvidos ou não com a causa política.

O livro traz uma reflexão sobre a juventude, observando os valores tidos como coletivos, partilhados pela geração de 1968 que queria mudar a sociedade, contrapondo-se a alguns dos segmentos contemporâneos dessa categoria geracional que descrê da política, associando-a a roubo e afirmação de grupos no poder. Contra a ideia do jovem aguerrido, revolucínario e portador de rupturas, destacam-se outras formas de expressão mais individualizadas, que permitem relativizar a associação naturalizada entre juventude e valores de mudança integrantes de um certo imaginário social.

Segundo a autora, o momento eleitoral aciona imaginários políticos diversos e agenciamentos, a exemplo dos Brigadistas del Sol, integrantes do Partido da Revolução Democrática no México.

Na interpretação de Nilin, o trabalho desenvolvido pelas várias categorias de militantes demonstra bem as inflexões entre as formas de atuação política durante campanhas eleitorais. Militantes pagos, ativistas, animadores, apoiadores voluntários, entre outros, constituem expressões de modos variados de atuar e conceber a política. É interessante verificar a distancia cultural e política entre Acaraú e México, cuja polaridade representa uma espécie de tipos ideais weberianos. Enquanto em Acaraú o trabalho remunerado de jovens na campanha se encontrava naturalizado, no México o

discurso do militante “comprometido com a causa” era fortemente enfatizado, demonstrando as diferentes conjunturas políticas dos dois países.

Nesse sentido, a investigação de Danyelle Nilin não se restringe ao estudo dos jovens, incorporando também uma reflexão sobre a forma como se constitui a idéia do interesse na política. Os partidos são convocados a elaborarem discursos nos quais reafirmam ou denegam o princípio da ideologia. A remuneração opera como uma espécie de clivagem entre a luta pela causa e o interesse imediato por um trabalho e descompromisso com o resultado eleitoral. O chamado voto consciente exigiria um militante igualmente consciente e portador de uma agenda partidária. Os jovens militantes, carregando marcas de uma época são agentes e porta-vozes de representações sobre a política.

Referindo-me, agora, aos dois livros e tentando uma espécie de costura ou articulação de idéias, diria que é importante se pensar a política como algo que faz parte, também, do universo dos afetos. Contrapondo ou comparando política e amor, pode-se dizer que o militante da geração-68, na acepção plena da palavra, reivindicava a associação entre ativismo e paixão. Paixão entendida no sentido amplo da palavra que supunha ideais, compromissos e profundo envolvimento.

O livro de Danyelle Nilin finaliza com uma reflexão sobre os ativistas de campanha, dez anos depois de sua pesquisa. Diz ela: “Embora os conflitos entre remunerados e voluntários tenham se acalmado na última década, principalmente pelo fato de que grande parte da esquerda também utiliza a remuneração, outros partidos de esquerda também continuam reafirmando a ideologia adotada. E mesmo entre aqueles que remuneram há sempre um esforço em se afirmar: ‘nós temos a força de nossa militância’” (p. 190).

O sentido de pertença e a crença em um ideal partidário parecem exigir a existência de uma utopia. Encontro também nos jovens de Machado Pais a utopia da paixão autêntica, para além das convenções sociais junto ao desejo de transparência dos afetos.

Enfim, a juventude, no que pese sua diversidade, pode ser pensada como uma categoria que “atua nas bordas” e é também protagonista das rupturas, encarnando tensões geracionais. Talvez por esse motivo encante a sociologia que é também ciência das bordas, das tensões e dos interditos da vida social.

Recebida para publicação em março/2013.

Aceita em abril/2013.